

**PRÁTICAS DE LEITURA NOS ANOS INICIAIS:
UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NO ENSINO
FUNDAMENTAL****READING PRACTICES IN THE EARLY YEARS:
AN INTERNSHIP EXPERIENCE IN
ELEMENTARY SCHOOL**

Saara Moura dos Santos^{1,*} /
Carla de Queiroz Ribeiro¹ / Sirlene Prates Costa Teixeira¹ /
Maria de Fátima Pereira Carvalho¹

INTRODUÇÃO

O estágio é de extrema importância para a formação do(a) pedagogo(a). Ainda que atualmente a universidade disponha de programas, como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e o de Residência Pedagógica (RP), é durante a experiência como estagiário que muitos estudantes têm o primeiro contato direto com a sala de aula. É nessa vivência que começam a fazer as correlações daquilo que já estudaram com aquilo que lhe é oferecido na sala de aula com os(as) seus(suas) educandos(as).

Nossa experiência de estágio aconteceu no primeiro semestre de 2022, dois anos após a suspensão das aulas presenciais em virtude da pandemia da Covid-19. Essas foram substituídas, emergencialmente, pelos encontros remotos mediados pelas tecnologias digitais. O retorno às aulas presenciais não foi/está tão simples, como já se esperava. Nos dois anos fora da sala de aula, muitas crianças tiveram pouco ou nenhum acesso às atividades remotas, somadas às perdas e aos traumas deixados pela pandemia, boa parte ainda está se readaptando à vida escolar. Ainda assim, as crianças e os(as) docentes se viram diante de uma cobrança maior, em especial nas séries iniciais do Ensino Fundamental, frente às exigências para a apropriação do sistema de escrita alfabética nessa etapa escolar.

RESUMO

O presente texto tem por objetivo apresentar algumas das discussões realizadas a partir do estudo desenvolvido por meio do componente curricular Pesquisa e Estágio III, do curso de Pedagogia. Esse se propôs a analisar as experiências e as percepções acerca das práticas de leitura em uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental. Se deu por meio de uma abordagem qualitativa, para a qual foram utilizados como instrumentos de produção de dados a observação participante e o desenvolvimento de um plano de ação no contexto da sala de aula, a partir dos aspectos observados e das demandas apontadas pelas docentes da turma. O estágio foi realizado em uma escola da Rede Municipal de Guanambi-BA. Os resultados apontam para a necessidade de inovação das práticas pedagógicas de leitura. Para isso, compreende-se que é preciso dinamizar a forma como se é apresentada a leitura às crianças, dar a elas a oportunidade de conhecer e interpretar diferentes gêneros textuais.

Palavras-chave: Ensino Fundamental. Estágio. Leitura Literatura infantil.

ABSTRACT

The present text aims to present some of the discussions carried out from the study developed through the curricular component Research and Internship III, of the Pedagogy course. This proposed to analyze the experiences and perceptions about reading practices in a class of the 2nd year of Elementary School. It took place through a qualitative approach, for which participant observation and the development of an action plan in the context of the classroom were used as instruments for data production, based on the observed aspects and the demands pointed out by the teachers of the gang. The internship was carried out in a school of the Municipal Network of Guanambi-BA. The results point to the need for innovation in pedagogical reading practices. For this, it is understood that it is necessary to stimulate the way in which reading is presented to children, giving them the opportunity to know and interpret different textual genres.

Keywords: Elementary School. Internship. Reading. Children's literature.

Submetido em: 26 de set. 2022

Aceito em: 04 de nov. 2022

¹Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Guanambi, Bahia – Brasil

*E-mail para correspondência: saara0403@hotmail.com

Frente a esse contexto, realizamos a pesquisa de estágio em uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do município de Guanambi-BA. Considerando as situações de aprendizagem e ritmo de desenvolvimento da turma, o que mais ouvíamos das professoras era que essa apresentava muitas dificuldades na leitura. Em vista disso, após o período de observação, levantamos algumas questões que orientaram nosso estudo, dentre elas:

Como acontecem as práticas de leitura com as crianças do 2º ano? Quais as condições de aprendizagem dessas crianças em um contexto de pós-ensino remoto?

Portanto, buscamos, por meio deste resumo sintetizar algumas das discussões apresentadas no artigo de estágio, que por vez, propôs relatar e analisar as experiências e as percepções acerca das práticas de leitura em uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental.

METODOLOGIA

O estágio foi realizado em uma escola da Rede Municipal de Ensino de Guanambi, Bahia que atende crianças do 1º ao 3º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental. A nossa atuação se deu em uma turma de 2º ano, composta por 26 crianças. Sendo 14 meninos e 13 meninas, com idade entre 7 e 9 anos. A turma era conduzida por duas professoras, uma trabalhava com os componentes curriculares de Português, História e Ensino Religioso, e a outra com os componentes de Matemática, Geografia, Ciências, Artes, Educação Física e Produção Textual.

Para realização da pesquisa de estágio, tivemos dois momentos de ida à campo. No primeiro fizemos o que Marconi e Lakatos (2003) chamam de observação sistêmica, que é realizada sob condições controladas, planejada e sistematizada para responder a propósitos preestabelecidos, mas que, por outro lado, não deve ser padronizada, nem rígida demais. Assim, com um roteiro pré-estabelecido, mas flexível a mudanças, demos início a observação do contexto da sala de aula do 2º ano no dia 09 e finalizamos no dia 13 de maio de 2022.

Após o período de vivências no contexto observado e a partir de nossas percepções com relação a aprendizagem das crianças, elaboramos nosso plano de ação. Retornamos entre os dias 30 de maio e 03 de junho de 2022 para a proposição das atividades planejadas, tendo em vista a solicitação das professoras da turma em relação às dificuldades apresentadas por essa, sobretudo no que diz respeito às habilidades de leitura.

DAS EXIGÊNCIAS DOS DOCUMENTOS NORMATIVOS ÀS PRÁTICAS DE LEITURA EM SALA DE AULA

No período da observação do estágio, notamos que as maiores queixas das professoras estavam relacionadas ao fato de que a maioria das crianças estar com dificuldades na leitura. Diante disso, começamos a prestar atenção em como eram desenvolvidos os momentos e as atividades que envolviam leitura.

Com a pandemia, muitas crianças tiveram pouco ou nenhum contato com atividades escolares, isso gerou um certo “atraso”, para os padrões curriculares, na aprendizagem escolar. Por exigência dos documentos normativos, em especial da Base Nacional Comum Curricular -BNCC, é recomendável que as crianças sejam alfabetizadas até o 3º ano do Ensino Fundamental. As crianças com as quais estivemos estavam no 2º ano, e pelo que percebemos já estavam sendo apresentadas às formas mais sistematizadas da leitura.

A BNCC prescreve que a ação pedagógica durante os primeiros anos do Ensino Fundamental tenha como foco a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os(as) educandos(as) se apropriem tanto do sistema de escrita alfabética quanto da leitura, de modo que consigam articular suas habilidades em práticas diversificadas de letramentos (BRASIL, 2018).

Vale ressaltar que a leitura não está ligada somente a textos escritos, mas também ao processo de compreensão de expressões formais e simbólicas expostas por diferentes meios de linguagem. Em um sentido mais amplo, a BNCC traz que a leitura também está ligada “a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que a acompanha em muitos gêneros digitais” (BRASIL 2018, p. 69).

A Base Municipal Curricular de Guanambi – BMCG, documento que orienta a prática pedagógica desenvolvida no município de Guanambi, enfatiza que durante os três primeiros anos do Ensino fundamental serão dados ao acolhimento, socialização e alfabetização das crianças. De modo aparentemente mais amplo que a BNCC, o documento municipal traz que alfabetizar é mais que ensinar a ler e escrever, é “proporcionar o uso desses processos no dia a dia da criança, partindo do pressuposto de que alfabetizar letrando é trazer para dentro da sala de aula a prática da leitura e escrita, conforme a realidade de cada sujeito” (GUANAMBI, 2020, p. 154).

Além do domínio da leitura e da escrita, o documento municipal complementa que o trabalho pedagógico a ser realizado nos anos iniciais deverá possibilitar, também, o desenvolvimento da oralidade, da percepção, da compreensão de outros sistemas de representação - como os signos matemáticos, os registros artísticos, midiáticos, científicos e as formas de representação do tempo e do espaço (GUANAMBI, 2020).

Frente a isso, as professoras precisaram desdobrar-se para acelerar o processo de alfabetização, compensando os desfalques de aprendizagem deixados pela pandemia - é como se as crianças tivessem que aprender 3 anos em 1. Pois, levando em consideração as prescrições das bases curriculares, até a próximo ano as crianças precisarão estar alfabetizadas, terão que se apropriar do sistema de escrita alfabética.

Sabendo que o processo de aprendizagem da leitura é bastante complexo e requer paciência, o(a) educador(a) precisa ter em mente que os resultados não surgem de maneira imediata, nem de forma homogênea na turma. Afinal, cada pessoa possui sua singularidade e essa interfere na aprendizagem. Cabe ao(a) educador(a) estimular na criança o desejo pela aprendizagem da leitura, trabalhando de diferentes modos, com estratégias diversificadas, dispondo-se na condição de parceiro(a) e servindo como modelo, transparecendo segurança, de forma que seu(a) educando(a) o(a) veja como um(a) bom(boa) leitor(a) e compreenda a importância da leitura na vida das pessoas, seja dentro ou fora da escola (GÓIS, 2012).

Visto que os textos escritos estão presentes de forma constante em nossas vidas, seja nos supermercados, ao acessarmos os rótulos de mercadorias, seja nas ruas, em placas de trânsito, logomarcas, nas lojas, nos espaços religiosos e/ou políticos, na escola, na nossa própria casa, e entre tantos espaços, a leitura desses facilita a compreensão de mundo das crianças. Como uma extensão na forma de comunicação, o ato de ler pode transcender as ideias, nos faz rememoras ou conhece-las. Por isso, não deve ser considerado com uma atividade passiva e ausente de significados, ao contrário, a sua prática contribui para o desenvolvimento da capacidade de interpretação, raciocínio e do senso crítico.

Nessas condições, é importante destacarmos a importância e papel da leitura literária, pois a literatura infantil é uma das formas aparentemente mais fácil, dentre as diversas maneiras existentes e se apresentar a leitura para as crian-

ças. Para Caldin (2003) a literatura tem como função social facilitar ao ser humano a compreensão e, conseqüentemente, a emancipação dos dogmas impostos pela sociedade. Ainda, segundo a autora, se buscamos a formação de novos seres humanos mais críticos e reflexivos, teremos de nos concentrar na infância para atingirmos esse objetivo.

Na escola onde estagiamos, todas as quintas-feiras, um tempo de 20 minutos da aula era destinado a um momento que recebia o nome de “Hora da leitura”. Na semana em que fizemos a observação esse momento aconteceu no pátio da escola. O espaço físico onde mais de uma turma se reunia para a leitura era pequeno. Embora o pátio fosse até grande, havia poucas áreas com sombra. Nessas, as turmas se reuniam sobre um tatame. Em um desses momentos de leitura que presenciamos, nos sentamos com as crianças de nossa turma. A professora pegou uma caixa grande repleta de livros e os distribuiu, um para cada criança. As que conheciam algumas sílabas/palavras tentavam decifrá-las. Já as que não conheciam nada folheavam o material ou usava o tempo para brincar/conversar com os(as) colegas sobre assuntos diversos.

Diante da situação e da proposta de leitura apresentada às crianças, nos inquietamos com algumas questões. O primeiro ponto a destacar é o fato de que a atividade exigia das crianças concentração, porém o próprio ambiente não era propício. Além da reunião de mais de uma turma ao mesmo tempo, o que já gerava barulho, ao lado do pátio havia uma construção em andamento, com isso, o silêncio, tão essencial para a concentração, não foi possível.

O segundo ponto que nos chamou a atenção foi o modo como aconteceu a distribuição/entrega dos livros. As crianças não tiveram a oportunidade de visualizarem os que estavam disponíveis e nem escolher aquele pelo qual se interessou e/ou despertou sua curiosidade. Algumas crianças recorreram a nossa ajuda, e ela nos orientou a auxiliá-las, tal qual fazia com uma delas. Essa situação nos deixou um tanto aflitas, visto que não conseguíamos auxiliar todas, e assim, houve crianças que devolveram o livro sem nem mesmo o folhear.

Sabemos que o gosto pela leitura é algo subjetivo. O(a) docente precisa proporcionar momentos como esses, mas, mais que isso, é preciso pensar em questões minuciosas que partem de um simples lugar mais aconchegante, atrativo, silencioso, com livros expostos à contextualização do que será feito. Como pontuam Oliveira e Menezes (2019), o manusear da leitura deve torná-la algo agradável, lúdico, descontraído, e que permita troca de conhecimento, daí a necessidade de deixar o(a) estudante escolher os livros de sua preferência.

Nesse sentido, durante o desenvolvimento de nosso plano de ações optamos pela proposição do momento de leitura tal qual mencionado anteriormente, com intuito de não quebrar a rotina dos(as) estudantes, porém, preferimos o ambiente da sala de aula. A professora mais uma vez insistiu em não deixar que as crianças escolhessem o livro, contudo, procuramos conduzir de modo que, pelo menos aquelas que pegassem os livros das caixas que estavam conosco tivessem a oportunidade de escolher o que lhes interessavam.

Tentamos contextualizar o momento, pedimos que fizessem silêncio e tentassem ler o livro escolhido. Organizamos as crianças próximas umas das outras e notamos que algumas estavam auxiliando os(as) colegas que não sabiam decifrar as palavras. Outras solicitaram o nosso auxílio, porém, mais uma vez tivemos dificuldades, pois não conseguimos dar a atenção necessária a todas elas. Todavia, observamos que todas as crianças escolheram o livro, tentaram de fato ler e comentavam sobre as histórias com o(a) colega do lado. A troca e o envolvimento foram maiores do que quando a atividade aconteceu no pátio.

Pensando em todas essas questões reunimos as crianças em círculo, todas sentadas no chão da sala, e fizemos a leitura do livro “O menino que aprendeu a ver” da autora Ruth Rocha. A maioria não conhecia a história, algumas citaram já ter ouvido falar da autora. Foi um momento no qual elas demonstraram envolvimento e participação. A maioria se

manteve atenta todo o tempo. No decorrer da contação as indagávamos e permitíamos que olhassem e comentassem sobre as imagens. Por fim, fizemos os contrapontos entre o que achavam que aconteceria e o que de fato aconteceu.

Compreendemos que é importante que os momentos de leitura sejam mediados por um adulto e nesse caso, pelos/as docentes. Essa mediação pode facilitar a compreensão das crianças, a interação com o texto escrito e estimular o interesse dessas pelo texto literário. Tais situações poderão favorecer a aprendizagem e a ampliação da compreensão da importância da leitura, o desenvolvimento da imaginação, a ampliação do universo vocabular das crianças e consequentemente estimular o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, a apropriação do sistema de escrita alfabética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar as condições de aprendizagem das crianças em contexto de pandemia, fica evidente os desfalques na alfabetização dessas. Tais danos poderão perdurar por alguns anos. O reestabelecimento e o cumprimento das metas propostas pelos documentos normativos só poderão acontecer quando e se a educação se tornar uma prioridade em nosso país. É necessário que haja investimentos, ampliação de políticas públicas educacionais que assegurem o direito de aprendizagem da leitura e da escrita.

Com relação às práticas de leitura desenvolvidas na turma, notamos a necessidade de inovação e flexibilização. É preciso dinamizar a forma como essa é apresentada às crianças, assim como dar a elas a oportunidade de conhecer e interpretar os diferentes gêneros textuais. Por outro lado, notamos a dificuldade e as barreiras que as professoras enfrentam em relação a falta de materiais, ao espaço limitado ou até mesmo ao apoio para que transcendam as velhas práticas.

Por fim, o estágio supervisionado é, muitas vezes, o primeiro contato que o(a) estudante de licenciatura tem com o seu campo de atuação. É um momento decisório, já que a experiência da realidade pode ser diferente das construções já feitas. Além disso, essa experiência permite uma reflexão a respeito da educação no contexto atual em que se insere, tal qual sobre o ensino, a prática social do(a) pedagogo(a), sua identidade profissional e o seu campo de formação/atuação.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília/DF, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso: 30 jun. 2022.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. A função social da leitura da literatura infantil. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Florianópolis, n. 15, p.47-58, 1º sem. 2003.
- GÓIS, Luciana Ribeiro dos Santos. **O ensino da leitura nas escolas de Ensino Fundamental II**. 2012. Monografia (Graduação em Licenciatura em Letras) - Centro Universitário de Brasília (Uniceub) – Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Brasília, 2012. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/3488/2/TCC%20Luciana.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2022.
- GUANAMBI. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Educação. Centro de Treinamento Pedagógico. **Base Municipal Curricular de Guanambi para Educação Infantil, Ensino Fundamental e Modalidades de Ensino** – Departamento de Ensino e Apoio Pedagógico. Guanambi: Secretaria Municipal de Educação, 2020. 670 p.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. São Paulo: Atlas, 2003.

OLIVEIRA, Maria do Socorro Ribeiro de; MENEZES, Aurelania Maria de Carvalho. Leitura nos anos iniciais: O despertar para o prazer da leitura na fase inicial da escolarização da criança. **Multidisciplinar e Psicologia**, v.13, n. 48 p. 944-954, dezembro/2019. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/2301>. Acesso: 30 jun. 2022.